

QUESTÕES OBJETIVAS

Leia, com atenção, o fragmento do conto intitulado **O sorvete (Texto I)**, de Carlos Drummond de Andrade, retirado de *Antologia de contos brasileiros* (São Paulo: Ediouro, 2005, pp. 102-103), **para responder às questões de 01 a 03.**

Texto I

- 1 “Quando chegamos ao colégio, em 1916, a cidade teria apenas cinqüenta mil habitantes, com uma confeitaria na rua principal e outra na avenida que cortava essa rua. Alguns cafés completavam o equipamento urbano em matéria de casas públicas de consumação e conversa, não falando no espantoso número de botequins, consolo de pobre. As ruas do centro eram ocupadas pelo comércio de armário, ainda na forma tradicional do salão dividido em dois, fregueses de um lado, caixeiro e mercadores do outro; alfaiates, ourivesarias, de uma só porta, agências de loteria que eram ao mesmo tempo pontos de venda de jornais do Rio e ostentavam cadeiras de engraxate. Um comércio miúdo, para a clientela de funcionários estaduais, estudantes, gente do interior que vinha visitar a capital e com pouco se deslumbrava. O centro da aglomeração social, concentrando todos os prestígios, impondo-se pelas seduções que emanavam de cartazes coloridos, que nos pareciam rutilantes e gigantescos, e beneficiando-se à noite (contavam-nos) com a irradiação dos focos luminosos dispostos em fieira na fachada, era o cinema. Para ele convergiam, nas matinês de domingo, rapazes e moças de boa família, facilmente reconhecíveis pelo apuro do vestuário como pela distinção e superioridade naturais da atitude. A um simples olhar de meninos do interior, como éramos nós outros, identificava-se a substância particular de que se teciam as suas vidas, roupas, hábitos, e, se não fosse muita imaginação, o seu próprio físico. Tanto é certo que o homem da cidade oferece à admiração desarmada do morador da roça, que entretanto a repele por instinto, a receia e a inveja, a expressão de um modelo ideal inatingível, em que se somam todas as perfeições possíveis, síntese que é de refinamento produzido pela cultura, pelo asfalto, pela eletricidade, pelo governo e por tantas outras entidades poderosas.
- 5
- 10
- 15
- 20 Quanto ao aspecto noturno do cinema, abstenho-me de referi-lo diretamente, porque o colégio não nos permitia sair à noite, e só alguns anos depois pude fazer a experiência da sua freqüentação, decerto com olhos já influídos por uma penetração maior de outras visões da cidade, e abolida em parte a virgindade áspera das minhas sensações de quase aldeão. Alunos internos, dispúnhamos apenas dos domingos para os nossos passeios isentos da censura colegial, no espaço de tempo que confinava entre a conclusão da missa das oito e o toque de sineta para o estudo das seis da tarde. Abria-se pois à nossa frente, se o nosso comportamento se houvesse mantido em nível tolerável durante a semana, um dia de sol ou de chuva, de visitas tediosas a parentes ou de prazeres insuspeitados, de bom ou mau emprego, mas inexoravelmente limitado na sua parte final: o atraso na volta constituía infração punida com reclusão no domingo seguinte, e a pena era tão grave que não nos animávamos a enfrentá-la. Ficava assim, no centro de nossa fuga hebdomadária, o maravilhoso cinema, em sua sessão das duas horas da tarde, suas fitas americanas ainda destituídas de sofisticação, seus vendedores sibilantes de balas e de amendoim torrado, a hipótese algo desconcertante de um palco extra com bailarinas, tudo pela quantia assaz considerável de mil e cem réis. Considerável, dada a exigüidade do nosso orçamento infantil, que a munificência paterna jamais ousaria transpor, à vista do que expressamente regulavam os estatutos: “Os senhores pais não deverão de modo algum fornecer dinheiro aos educandos, salvo o destinado a pequenas despesas, e que ficará sob a guarda do estabelecimento”; e esse dinheiro, ai de nós! ainda era menor do que nossas mesquinhas despesas.
- 25
- 30
- 35
- 40 Eu tinha onze anos, Joel, treze, o que, além do tamanho, lhe bastava para se atribuir definitivamente autoridade sobre mim. Na realidade, Joel era meu comandante. Já exercia o comando na cidadezinha onde crescêramos amigos inseparáveis; diante do espetáculo da “cidade grande”, minha timidez xucra apoiava-se na sua capacidade de resolver, dirimir e providenciar, atributos que sempre me faleceram. Quando meu pai se decidira a internar-me naquele colégio distante, o pai de Joel considerou que devia fazer o mesmo com seu filho. O prazer que isso me causou não vinha somente de que eu teria a meu lado o amigo mais agradável e com quem me entendia melhor; era ainda como se eu vagamente considerasse Joel um protetor, um guia cômodo, e pressentisse nele o escudo contra os perigos ainda nebulosos da vida no internato e na capital, e, porque nebulosos, maiores. (...)”
- 45

01. A leitura do fragmento selecionado permite concluir que:
- a cidade já dispunha de uma sofisticada infra-estrutura no início do século.
 - os alunos do internato tinham excessiva liberdade em seus passeios de domingo.
 - a amizade entre o narrador e Joel só se fortaleceu quando ambos se mudaram para a capital.
 - o narrador era um menino tímido, mas rebelde em relação às normas da escola.
 - o controle exercido pelo internato sobre os alunos não era apenas disciplinar, mas também financeiro.
02. A respeito da **descrição da cidade**, no primeiro parágrafo do texto, é **CORRETO** afirmar que:
- a parte pobre da população não dispunha de locais para beber e conversar.
 - o cinema era o ambiente mais propício para se observarem as diferenças sociais.
 - os principais consumidores do comércio do centro eram as famílias ricas.
 - a infra-estrutura da cidade não influenciava a atitude de seus habitantes.
 - faltava, ao centro da cidade, local apropriado para se comprarem jóias.

03. Leia novamente:

“(…) Alunos internos, **dispúnhamos** apenas dos domingos para os nossos passeios isentos da censura colegial (...)”
(2º parágrafo, linhas 23 e 24)

A respeito do termo destacado (“**dispúnhamos**”), **É POSSÍVEL** afirmar que **a flexão de número e pessoa** se dá por concordância com:

- o termo oculto *nós*, que está se referindo aos alunos internos.
- a expressão *alunos de fora*.
- a expressão *nossos passeios*.
- o termo oculto *nós*, que está se referindo ao narrador e a Joel.
- o termo oculto *eles*, que está se referindo aos meninos do interior.

Leia, agora, com atenção, o fragmento abaixo (**Texto II**), de José Lins do Rego, retirado da obra **Menino de engenho** (Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1991, p. 56), **para responder às questões 04 e 05**.

Texto II

- 1 “(…) O interessante era que nós, os da casa-grande, andávamos atrás dos moleques. Eles nos dirigiam, mandavam mesmo em todas as nossas brincadeiras, porque sabiam nadar como peixes, andavam a cavalo de todo jeito, matavam pássaros de bodoque, tomavam banho a todas as horas e não pediam ordem para sair para onde quisessem. Tudo eles sabiam fazer melhor do que a gente; soltar papagaio, brincar de pião,
- 5 jogar castanha. Só não sabiam ler. Mas isto, para nós, também não parecia grande coisa. Queríamos viver soltos, com o pé no chão e a cabeça no tempo, senhores da liberdade que os moleques gozavam a todas as horas. E eles às vezes abusavam deste poderio, da fascinação que exerciam. Pediam-nos para furtar coisas da casa-grande para eles: laranjas, sapotis, pedaços de queijo. Trocavam conosco os seus bодоques e os seus piões pelos gêneros que roubávamos da despensa. E nos iniciavam nas conversas picantes sobre as
- 10 coisas do sexo. Por eles comecei a entender o que os homens faziam com as mulheres, por onde nasciam os meninos. Eram uns ótimos repetidores de história natural. Andávamos juntos nas nossas libertinagens pelo cercado. Havia um quarto dos carros onde iam ficando os veículos velhos do engenho. Dali fazíamos uma espécie de lupanar para jardim de infância. A nossa doce inocência perdia-se assim nessas conversas bestas, no contato libidinoso com os moleques da bagaceira.(…)”

04. A respeito do fragmento lido, **É POSSÍVEL** afirmar que para os meninos da casa-grande:

- a autoridade estava intimamente relacionada ao poder econômico.
- o conhecimento era medido exclusivamente em termos do domínio da palavra escrita.
- as informações sobre sexo e procriação eram resultados de observações e estudos.
- a autoridade era daqueles que tinham maiores habilidades práticas.
- o papel dos pais era irrelevante no estabelecimento das regras de comportamento.

05. **É INCORRETO** afirmar que, na relação entre os meninos da casa-grande e os meninos da bagaceira, havia :

- fascinação.
- respeito.
- revolta.
- chantagem.
- camaradagem.

As questões **06** e **07** estão baseadas na leitura dos fragmentos selecionados do conto de Drummond (**Texto I**) e da obra de Lins do Rego (**Texto II**).

- 06.** Ao **compararmos** o fragmento selecionado do conto de Drummond com o fragmento selecionado do livro de José Lins do Rego, **É POSSÍVEL** afirmar que:
- ambos demonstram as dificuldades de adaptação de crianças a novos ambientes.
 - ambos valorizam a cultura das cidades grandes em relação à cultura do interior.
 - ambos apresentam elementos próprios da vida na zona rural.
 - ambos demonstram as experiências e os aprendizados de crianças.
 - ambos negam a importância das relações entre crianças em ambientes não familiares.

07. Leia novamente:

“(…) e só alguns anos depois pude fazer a experiência da sua freqüentação, decerto com olhos já influídos por uma penetração maior de outras visões da cidade, e abolida em parte a virgindade áspera de minhas sensações de quase aldeão (…)”
(**Texto I**, linhas 21 a 23)

“(…) A nossa doce inocência perdia-se assim nessas conversas bestas, no contato libidinoso com os moleques da bagaceira.”
(**Texto II**, linhas 13 e 14)

Nos dois fragmentos selecionados, há uma **mesma contraposição de idéias**. Essas idéias são:

- virgindade e sexo libidinoso.
- infância e idade avançada.
- inocência e conhecimento de mundo.
- cultura e divertimento sadio.
- cidade grande e fazenda.

Leia, agora, este outro fragmento (**Texto III**), também retirado de **Menino de engenho**, de José Lins do Rego (Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1991, pp. 118-119), **para responder às questões 09 e 10**.

Texto III

“(…) No dia seguinte tomaria o trem para o colégio. O meu Tio Juca me levaria para os padres, deixando carta branca a meu respeito.

Acordei com os pássaros cantando no gameleiro. Tocavam dobrados ao meu bota-fora. E uma saudade antecipada do engenho me pegou em cima da cama. Vieram-me acordar. Há tempos que estava de olhos abertos na companhia de meus pensamentos. Uma outra vida ia começar para mim.

– Colégio amansa menino!

Em mim havia muita coisa precisando de freios e de chibata. As negras diziam que eu tinha o mal dentro. Tia Sinhazinha falava dos meus atrasos. Os homens riam-se das intemperanças dos meus doze anos. (…)”

- 08.** A expressão “– **Colégio amansa menino!**” refere-se:
- ao receio dos familiares de Carlinhos de que o colégio o tratasse com severidade.
 - ao fato de que colégios internos são sempre repressores.
 - à esperança de Carlinhos de que o colégio o educasse para a vida.
 - à esperança dos familiares de Carlinhos de que o colégio corrigisse seus excessos.
 - ao receio que os meninos têm de estudar em colégio interno.
- 09.** Quando conclui “**Uma outra vida ia começar para mim**”, o narrador demonstra:
- rebeldia.
 - preguiça.
 - expectativa.
 - surpresa.
 - indiferença.
- 10.** Sobre a obra **Menino de engenho**, é **CORRETO** afirmar que é:
- uma peça de teatro infantil.
 - o diário do Velho Zé Paulino.
 - uma narração através de cartas.
 - a autobiografia de Santa Rosa.
 - uma narração em primeira pessoa.

Leia, com atenção, os dois fragmentos de texto abaixo (**Texto IV** e **Texto V**), retirados da **Revista Veja**, em sua edição de 20 de abril de 2005, pp. 99-100, **para responder às questões de 11 a 13.**

Texto IV



O Centro do Rio: revitalização com lazer e moradia

CENTRO DA CIDADE

O PROBLEMA: O Centro do Rio e a região do porto tornaram-se áreas decadentes e pouco povoadas.

A SOLUÇÃO: Um programa ambicioso de revitalização das áreas centrais da cidade, mesclando preservação de imóveis históricos e construção de novas edificações e prevendo ocupações com instituições culturais e de lazer, comércio e habitação.

Texto V



A Rocinha, em São Conrado: 1 milhão de pessoas vivem nas favelas cariocas

FAVELAS

O PROBLEMA: A proporção de moradores de favela sobre a população total passou de 7% na década de 50 para 19% em 2000. O Rio de Janeiro tem mais de 1 milhão de pessoas vivendo em 700 favelas, que cresceram descontroladamente com a falta de uma política habitacional e o descaso alimentado pela demagogia politiqueira – à direita e à esquerda, ressalte-se. Embora as estatísticas sejam muito falhas porque não há uniformidade nos critérios de definição de favela entre os municípios, o fenômeno denominado pelo IBGE “aglomerados subnormais” é uma tragédia urbana. Sem que essa questão seja abordada de forma corajosa, o Rio não sairá de seu encalacrimento. Encarapitadas em morros, as favelas se tornaram locais privilegiados para a ação do tráfico e a formação de enclaves sem lei.

11. Leia, com atenção, as afirmativas abaixo:

- I. Em 50 anos, duplicou a proporção de moradores de favela sobre a do centro.
- II. O centro do Rio, hoje em dia, é um local privilegiado para cultura e lazer.
- III. O fenômeno das favelas é resultado também de falhas na política habitacional.
- IV. A revitalização do centro do Rio implica na demolição de seu cenário histórico.
- V. A favela, no Rio de Janeiro, é igual às favelas em outras cidades.

A respeito dessas afirmativas, é **CORRETO** afirmar que:

- a) todas são falsas.
- b) apenas a afirmativa I é verdadeira.
- c) as afirmativas I, III e V são verdadeiras.
- d) as afirmativas I, IV e V são verdadeiras.
- e) apenas a afirmativa III é verdadeira.

12. Leia, novamente, no **Texto V**:

“(…) Sem que essa questão seja abordada de forma corajosa, o Rio não sairá de seu **encalacrimento**.”

A respeito da sentença sublinhada (“Sem que essa questão seja abordada de forma corajosa”), pode-se afirmar que mantém, com a sentença seguinte, **uma relação** de:

- a) causa.
- b) consequência.
- c) condição.
- d) alternância.
- e) concessão.

13. A palavra “**encalacrimento**”, destacada no fragmento acima, pode ser substituída, **sem perda substancial de sentido**, por:

- a) estado de violência.
- b) dívidas.
- c) dificuldades.
- d) desmandos.
- e) agitação.

Leia, com atenção, o poema **Indecisão do Méier (Texto VI)**, de Carlos Drummond de Andrade, retirado de *Sentimento do Mundo, Poesia e Prosa* (Rio de Janeiro: Aguilar, 1962, p. 64), **para responder às questões de 14 a 16.**

Texto VI

INDECISÃO DO MÉIER

TEUS DOIS cinemas, um ao pé do outro, por que não se afastam
para não criar, todas as noites, o problema da opção
e evitar a humilde perplexidade dos moradores?
Ambos com a melhor artista e a bilheteira mais bela,
que tortura lançam no Méier!

14. O poema tematiza uma cena de:
- a) zona rural.
 - b) subúrbio.
 - c) arte de rua.
 - d) cidade litorânea.
 - e) centro financeiro.
15. A expressão “**humilde perplexidade dos moradores**” refere-se:
- a) ao excesso de opções em local simples.
 - b) à modéstia dos artistas.
 - c) à simplicidade dos cinemas.
 - d) à pobreza dos moradores do local.
 - e) ao comportamento dos frequentadores dos cinemas.
16. A palavra “**tortura**” comparece, no poema, com o **significado** de:
- a) tortura física.
 - b) tortura merecida.
 - c) tortura psicológica.
 - d) tortura política.
 - e) tortura financeira.

QUESTÕES DISCURSIVAS

(cada questão vale **até quatro pontos**)

Questão 01

Leia novamente o fragmento selecionado da obra **Menino de engenho (Texto II)**:

“(…) Queríamos viver soltos, com o pé no chão e a cabeça no tempo, senhores da liberdade que os moleques **gozavam** a todas as horas. E eles às vezes **abusavam** deste poderio, da fascinação que **exerciam**. **Pediam**-nos para furtar coisas da casa-grande para eles: laranjas, sapotis, pedaços de queijo. **Trocavam** conosco os seus bodoques e os seus piões pelos gêneros que **roubávamos** da despensa. E nos **iniciavam** nas conversas picantes sobre as coisas do sexo. Por eles comecei a entender o que os homens **faziam** com as mulheres, por onde **nasciam** os meninos. (...)” (linhas 5 a 11)

a) **Identifique o tempo** das formas verbais destacadas acima.

b) **Comente o uso predominante desse tempo verbal** na construção da narrativa.

Questão 02

Leia, novamente, o texto que diz respeito ao problema das favelas (**Texto V**).

Considerando a **principal causa** para o crescimento de favelas, de acordo com o texto, e **com base em seus conhecimentos e em seus estudos de Geografia**, redija **um pequeno texto**, apresentando uma solução para esse problema.

LIMITE O SEU TEXTO AO ESPAÇO ABAIXO.

Favelas: uma solução

Questão 04

Leia, com atenção, o poema **Confidência do itabirano**, de Carlos Drummond de Andrade, selecionado da obra *Sentimento do mundo* (Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992, p. 57).

CONFIDÊNCIA DO ITABIRANO

ALGUNS anos vivi em Itabira.
Principalmente nasci em Itabira.
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.
Noventa por cento de ferro nas calçadas.
Oitenta por cento de ferro nas almas.
E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.

A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,
vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e sem horizon-
[tes.

E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,
é doce herança itabirana.

De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:
este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;
esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil;
este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;
este orgulho, esta cabeça baixa...

Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
Hoje sou funcionário público
Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como dói!

Com base na leitura do poema, discuta a **importância da cidade de Itabira na vida e na memória do poeta**.

LIMITE O SEU TEXTO AO ESPAÇO ABAIXO.

<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>
